

Por Falar Em Arte E Museu: Tríade Criativa

Apresentação oral

1. **As vozes, o audiovisual e o museu:** “Eu nunca fui a um museu...” (a primeira voz)

O depoimento de Eliana, 19 anos, inicia a sucessão de falas de adolescentes da periferia de Belém, no Pará, entrevistados antes de visitarem, pela primeira vez, o Museu e uma exposição de Arte. As vozes dos jovens, antes e depois da visita ao Museu Histórico do Estado do Pará (MHEP), registradas em obra audiovisual, revelam mais do que as expectativas e descobertas do grupo com a experiência. Apontam o problema e o desafio que se materializam em duplo fluxo: a distância do público dos museus e as possibilidades criativas de aproximação entre eles. O curta-metragem *Por falar em arte e museu*, lançado este ano pelo projeto *O ensino em sala de arte e ensaio*, da Universidade Federal do Pará (UFPA), se propõe a expandir este debate, sobre o uso de ações criativas e interativas para convidar a sociedade à imersão nos espaços culturais, inclusive nos Museus. Fazer a voz do público reverberar, poeticamente, para transformar, inclusive através de políticas públicas e de produção de conhecimento.

O curta apresenta-se como uma materialização, em linguagem audiovisual, dos preceitos do projeto¹, se propondo a romper barreiras que, em muitas situações, distanciam o público, não só dos espaços culturais como os museus, mas também do próprio debate e construção, poética e teórica, sobre Arte e Museologia. Sob este prisma, *Por falar em arte e museu* é um curta que mescla elementos de documentário e ficção ao contar a história da primeira visita de um grupo de adolescentes e pré-adolescentes, de uma comunidade carente do bairro belenense do Guamá, a uma exposição do Salão Arte Pará, no MHEP.

Um dos objetivos da produção foi criar um produto audiovisual que pudesse ser utilizado como *start* no debate sobre Museu, e seu público, e Arte, em ações educativas em diversos espaços, sobretudo em escolas de nível fundamental e médio. A hipótese é que a partir da visualização desta experiência, outras pessoas, jovens e crianças inclusive, poderiam se sentir motivados, primeiramente, a expressar, sem reservas, o que pensam e como idealizam o Museu e a Arte, e, em seguida, possam se sentir convidados a vivenciar estes espaços. Por outro lado, outro objetivo é se apresentar como proposta de uso do audiovisual como meio criativo de ligação, e aproximação, entre o público e as instituições museológicas, mobilizar ainda o pensamento acerca da construção de conhecimento, em ações interdisciplinares, como o audiovisual, a museologia, e a comunicação. Com estes objetivos, o curta, e também o projeto, pretendeu ser resultado de ações de pesquisa, extensão e ensino.

2. **A metáfora do encontro:** “O que pode acontecer quando dois grupos de universos diferentes se encontram?” (a voz da narradora)

A partir deste questionamento, o curta inicia anunciando a metalinguagem na sua construção. Ao mesmo tempo em que relata a memória da visita à exposição, expressa traços do processo metodológico. A partir dos preceitos do projeto, foi construído o argumento, que deveria mobilizar reflexões interdisciplinares e ao mesmo tempo uma produção colaborativa. A opção foi então realizar a produção do audiovisual a partir do encontro entre os jovens da comunidade com os participantes, professores e alunos, da oficina de Criação em Audiovisual promovida pelo projeto em novembro de 2012 e ministrada pelos cineastas gaúchos Bruno Polidoro e Jéssica Luz, na UFPA. De forma coletiva, foram realizadas as gravações em dois dias, um na própria comunidade e, no dia seguinte, no trajeto e no Museu.

O roteiro foi construído após o estudo das imagens coletadas, que registraram com o mínimo de interferência possível os depoimentos, o deslocamento e a visita. Para concepção

¹ O projeto *O ensino em sala de arte e ensaio* contou com o apoio do Programa de Apoio Integrado ao Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Pará (PROINT/UFPA).

do roteiro foi considerado, em especial, a fala da comunidade, em uma tentativa de visibilizá-la. Foi introduzida a narração, como elemento de ligação entre as imagens e como mobilizadora de memórias. Ainda foi dada ênfase à relação entre a comunidade e o Museu, para atingir assim os objetivos da produção, que são também do projeto.

3. **O dono da voz:** “Todos os nossos olhares, uma descoberta” (a voz como resultado)

A frase final do curta expressa o caráter múltiplo que se mobiliza quando, nessa relação, parte-se do olhar, e da fala, do público. Um elo, entre público e instituições, que precisa ser reforçado, para articular o duplo sentido que une estes dois termos, no que refere aos Museus, visto como “a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”, devendo ser “acessível ao público” (ICOM, 2013, p. 15). Como adjetivo, o museu é público quando estabelece relações com a comunidade onde se firma. “O museu público é, em sua essência, a propriedade do povo” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 87). Como substantivo, o público dos museus são os visitantes, inclusive os em potencial, para os quais devem ser direcionadas as ações e estabelecidas relações, cada vez mais estreitas, que mobilizem os sentidos de pertencimento e de identidade na pós-modernidade (HALL, 2006).

Sensos que podem ser expressos pela fala, a partir do fenômeno social da opinião pública, uma estrutura conceitual que une, de um lado, a “tomada de posição, formulação de atitude” e, de outro, a “população” para constituir um “juízo de valor formulado pelo povo em torno de um fato concreto” (MELO, 1998, p. 203). No curta, a valorização das opiniões dos jovens mais do que associar Arte e Museus a conceitos, quis visibilizar pensamentos acerca de representações simbólicas que revelem sentimentos de pertencimento, e seus paradoxos de inclusão e exclusão, de identificação, a partir das transformações e deslocamentos de sentido entre o que expressaram antes e depois da visita à exposição.

Na imersão empírica que resultou no curta, portanto, o fluxo se torna o mais importante. E este fluxo é memória, visibilizada através do audiovisual, que pode “estar atuando como mediação fundamental tanto na construção quanto na caracterização do pertencimento como linguagem de busca de identidade no contexto de um ausente comum aglutinador” (SOUSA, 2010, p. 34). *Por falar em arte e museu* visibiliza a memória de um grupo de jovens para permitir que se expressem, construam relações de pertencimento e identidade, e, mais, mobilizem outros grupos, ao verem a experiência, realizem o mesmo. Um processo de espelhamento também identitário, já que, ao optar pelas vozes da comunidade em vez dos *experts*, pretende se aproximar do espectador, onde o ouvir é ser ouvido. Descoberta, transformação, encontro que se estabelece no pensamento criativo, potência que deve ser norteadora das ações públicas, em especial nos Museus, ambientes de experiências e vivências onde a construção de conhecimento é mais criadora se plural e compartilhada.

REFERÊNCIAS

- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- ICOM. **Código de Deontología del ICOM para los Museos**. 2013. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/code_ethics2013_es.pdf>. Acesso em: 30 set. 2014.
- MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SOUSA, Mauro Wilton de. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Significação**, São Paulo, v. 37, n. 34, p. 31-52, primavera-verão, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/68112/70670>>. Acesso em: 30 set. 2014.